



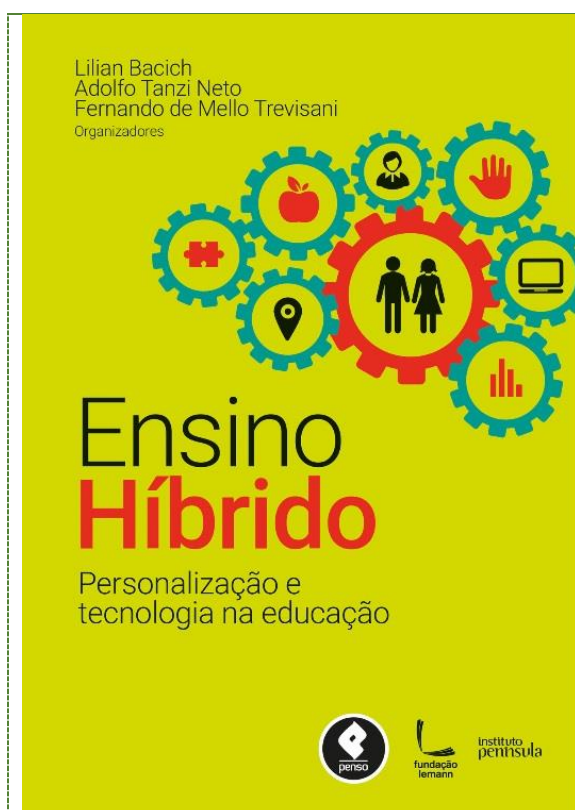
RESENHA

Obra: Ensino Híbrido: personalização e tecnologia da educação

ISBN 978-85-8429-049-9

Penso: Penso Editora Ltda, Porto Alegre, 2015.

Organizadores: Lilian Bacich¹; Adolfo Tanzi Neto²; Fernando de Mello Trevisani³



BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
ISBN 978-85-8429-049-9

A obra "Ensino híbrido: personalização e tecnologia da educação" foi organizada por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. É composta por 10 capítulos escritos por 13 autores. O livro é fruto das pesquisas do Grupo de Experimentações em Ensino Híbrido desenvolvido pelo Instituto Península e pela Fundação Lemann. Trata do uso da tecnologia na educação, como ponte entre o padrão atual e a estruturação de um novo currículo escolar inovador. Os autores utilizam a metodologia do relato de experiências, baseada na prática educacional, em que 16 professores do grupo, lecionando em instituições públicas e privadas do Brasil, desenvolveram oito meses de pesquisa. A temática da obra se faz, inicialmente, com a importante análise sobre a educação híbrida e as formas como se tem abordado o tema no Brasil e fora dele. Em seguida, fez-se uma discussão sobre a prática da educação híbrida, com experiências vividas pelo Grupo de Experimentações.

¹ Licenciada em Ciências Físicas e Biológicas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na Universidade de São Paulo (USP). Consultora do Instituto Península. Participou como coordenadora no Grupo de Experimentações em Ensino Híbrido, parceria entre o Instituto Península e a Fundação Lemann.

² Licenciado em Letras. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (EaD) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Linguística Aplicada: Linguagem e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisador visitante na Universidade de Oxford, Inglaterra. Consultor da Fundação Lemann. Participou como coordenador no Grupo de Experimentações em Ensino Híbrido, parceria entre o Instituto Península e a Fundação Lemann.

³ Licenciado em Matemática. Mestre em Tecnologias e Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-graduando em Educação Inovadora: Design, Autoria, Didática e Tecnologias. Consultor da Fundação Lemann, atuando na área de Inovação nas Escolas com os projetos Khan Academy e Ensino Híbrido. Participou como coordenador no Grupo de Experimentações em Ensino Híbrido, parceria entre o Instituto Península e a Fundação Lemann.

No primeiro capítulo, "Educação híbrida. Um conceito-chave para a educação, hoje" Moran mostra, no primeiro capítulo, que o ensino híbrido sempre esteve presente na educação, pois "[...] não se reduz ao que planejamos institucional e intencionalmente. Para o autor, "Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais." [Pag. 27]. Assim, reitera o caráter de diversidade que uma metodologia que envolve várias áreas de conhecimento integradas as atividades tanto física como digital pode ter e o quanto ela pode promover de aprendizagem e integração em sua forma híbrida. Segundo Moran, a educação blended - ou educação híbrida - tem a metodologia de levar desafios para estimular os alunos, como resolução de problemas ou criação de projetos complexos, tanto em grupo como individualmente. Ele lembra que essa aprendizagem deve ser coordenada por professores que cuidarão de cada aluno em atividades que promovam um contato direto e possibilitem a supervisão do andamento do processo de aprendizagem do aluno. Moran afirma que, dessa maneira, o professor poderá analisar em que aspectos o aluno tem dificuldade. Como a educação híbrida usa método flexível, dando autonomia para se personalizar e planejar o que é fundamental para atender às necessidades de cada aluno, integra, também, processos de ensino e aprendizagem mais abertas implicando a mistura de áreas profissionais e alunos diferentes.

Todos esses aspectos são abordados por Moran, contextualizados num ambiente em que a tecnologia possa ser inserida. O autor lembra que, mesmo as instituições de ensino que não tenham uma tecnologia sofisticada podem buscar integrar os espaços físicos dos virtuais, pois. Ele acredita que a educação híbrida vai permitir trazer o mundo inteiro em tempo real, com suas diferentes ideias, pessoas e acontecimentos, numa troca intensa, rica e ininterrupta. Segundo Moran, as tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa online, de trazer materiais importantes e atualizados, fazendo com que a educação vá além das fronteiras das escolas.

Em "Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação", capítulo dois da obra, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani falam das tecnologias digitais como um papel importantíssimo no contexto da educação. Afirma, no entanto, que os professores ainda não detêm o conhecimento preciso para a utilização de ferramentas e tecnologias da atualidade em seu ensino, apesar de esse mecanismo facilitar o acesso rápido a uma grande quantidade de informações, proporcionando ao aluno compartilhar conteúdo a partir de um clique no mouse.

É preciso inserir esses meios na educação de forma criativa e dinâmica, proporcionando ao aluno uma forma mais ampla de formação, vendo que a convivência com as novas tecnologias vem sendo trabalhada diariamente no meio em que vivem essas pessoas. Percebe-se então que essas tecnologias já vem sendo trabalhadas no âmbito escolar, e os professores já estão utilizando dessas ferramenta para deixar suas aulas mais dinâmicas e menos orais. Portanto terá mais participações e interação dos alunos nas aulas, pois o ambiente virtual traz mais competência, e proporciona uma relação do indivíduo com as mídias digitais.

O terceiro capítulo da obra, "Otimização do Espaço Escolar por Meio do Modelo de Ensino Híbrido", Fernanda Schneider aponta que é de grande importância a discussão sobre o ensino no Brasil, principalmente na hora de elaborar o curriculum. Afirmam que determinar um rumo para a educação no Brasil é difícil, pois são várias mudanças e desafios a serem enfrentados. O avanço do mundo digital trouxe muitas possibilidades, no entanto em termos de aplicação em sala de aula a tecnologia caminha em passos lentos em muitas instituições. Nesse caso, é preciso visar à utilização das novas tecnologias no que se refere à aprendizagem do aluno, e não apenas servindo para transmitir

informações. Não se podem introduzir as tecnologias sem antes pensar nos objetivos e benefícios do seu uso; com isso, é preciso pesquisas, planejamento e desenvolvimentos de projetos que utilizem as novas tecnologias, para melhorar o ensino aprendizagem dos alunos.

“O Professor no Ensino Híbrido”, quarto capítulo da obra, escrito por Leandro Holanda Fernandes de Lima e Flavia Ribeiro de Moura, traz ao debate o fato de que a necessária mudança educacional depende da qualidade de formação dos professores e como isso determina suas práticas pedagógicas. Lima e Moura afirmam que, para que a transformação ocorra, precisa haver introdução de tecnologias digitais integradas ao currículo, principalmente porque estamos em uma época onde dispositivos softwares são cada vez mais utilizados. A função do professor é voltada para a tutoria de aprendizado, sendo capaz de identificar problemas e agir com foco em qualificar e personalizar o ensino. Sendo assim, o professor que optar pelo ensino híbrido terá uma grande facilidade na hora de passar conhecimento, pois com essa ferramenta não é necessário que o estudante esteja no mesmo local que o professor para aprender.

O quinto capítulo, “Espaços de Aprendizagem”, de Glauco de Souza Santos, traz a abordagem do espaço escolar. Inicia, mostrando que geralmente foi elaborado apenas na forma de aprendizagem presencial, onde os alunos ficam em carteiras individuais e com foco na apresentação do professor-método que estimula a obediência, concentração e repetição do que é exibido pelo tutor. Santos defende, coerentemente, que é preciso haver uma modificação na organização do ambiente escolar; começando pela percepção de que o modelo atual da sala não favorece a colaboração entre os alunos.

Para o autor, é preciso repensar o espaço do professor, deixando-o mais próximo do aluno. Nessa mudança de papel, o professor planeja atividades de modo que o aprendizado seja personalizado, e cada aluno possa caminhar no seu ritmo e da forma que melhor aprender. “[...] A sala de aula ou os demais espaços escolares precisam ser pensados pelo professor de maneira que se integrem a partir das atividades que os alunos irão realizar”. (Pág.107). O discente tem um papel importantíssimo, principalmente quando o assunto é ser sociável; os grupos de estudantes, organizados de outra forma, passam a desenvolver protagonismo em suas ações, ajudando uns aos outros. Ao transformar a sala em um ambiente de ensino híbrido, onde celulares e outros dispositivos tecnológicos não sejam proibidos, mas bem-vindos, onde os alunos não passem horas sentados ouvindo os professores, e passem a se movimentar pela sala de forma dinâmica, trabalhando em conjunto, o professor estará dando o passo inicial para deixar a massificação do ensino de lado, partindo para um caminho sem volta rumo à personalização do ensino.

No sexto capítulo, “A Avaliação e a Tecnologia: a questão da verificação de aprendizagem no modelo de ensino híbrido”, o autor Eric Freitas Rodrigues fala da rotina como parte do espaço escolar do aluno, tendo as TICs (tecnologias da Informação e da Comunicação) trazidos para a educação, explorados de maneira correta e eficiente. “[...] A avaliação deve verificar o processo de aprendizagem do aluno e, por este ser o seu foco, retornar a ele pelo resultado”. (Pág.128). Há uma importante reflexão feita pelo autor de que o modelo de ensino híbrido demonstra que o método avaliativo das escolas tradicionais já não acompanha os alunos que estão conectados ao novo modelo de busca de informações. Isso, porque essa verificação de aprendizagem deve ser também personalizado de acordo com o foco do aluno, compreendendo meios que facilite o desenvolvimento e que traga resultados maiores, já que é essa a finalidade do uso das tecnologias. No tocante ao método avaliativo, portanto, o professor deve encontrar o melhor meio de inserir a tecnologia sem tirar a essência do amplo grau de entendimento sobre cada assunto a ser avaliado em seus alunos.

Em “As Tecnologias Digitais no Ensino Híbrido”, sétimo capítulo da obra, Alexsandro Sunaga e Camila Sanches de Carvalho avaliam que é comum ainda ver professores que se negam ao uso de ferramentas tecnológicas em suas aulas, usando apenas a lousa e o giz, e alunos tendo que ir para casa com cadernos cheios de rabiscos copiados das lousas. Isso acontece devido à resistência de alguns professores a migrarem seus métodos de ensino tradicional ao ensino com uso de tecnologias. Os autores acreditam ser esse um dos motivos para falta de utilização de coisas básicas e essenciais, como projetores multimídia ou televisores digitais.

Uma maneira que ajudaria a reverter esse caso seria a instituição conscientizar-se de que o uso da tecnologia melhora o desempenho, aproxima professores, alunos e gestores, otimiza o tempo, levando professores a melhores estratégias de aprendizagem.

O uso de interfaces de ensino tem crescido em grande escala graças à educação híbrida, e isso motivou a criação de várias plataformas com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento e estímulo do ensino. Plataformas como Edmodo e Moodle são interfaces que auxiliam na organização de notas, tarefas, trabalhos, mensagens, fóruns para os alunos se interagem e tiram dúvidas. Assim, a capacitação dos professores é necessária para que possam usar de todos os meios tecnológicos e administrá-los de maneira plena na execução de suas funções.

No oitavo capítulo, “Quando a Inovação na Sala de Aula Passa a Ser um Projeto de Escola”, Verônica Cannatá trata da implantação de um ensino híbrido na instituição. A autora afirma que a gestão deve identificar o que deve ser modificado ou mantido no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, organizando equipes, estruturando as ações para as devidas transformações que o ambiente educacional deve mudar. Isso, porque a integração das equipes é o fator de maior relevância na implantação do aprendizado híbrido na instituição. As estratégias no ambiente escolar devem ser bem elaboradas, e é de responsabilidade da gestão eleger as equipes de trabalho e colocá-las no lugar certo. Com relação aos recursos tecnológicos, a instituição deve considerar investir em uma boa conexão à internet e na aquisição de dispositivos digitais, mesmo que o investimento seja mínimo e que as aquisições de equipamentos sejam poucos terá um rendimento, caso seja bem aplicado o ambiente.

Produzido por Rodrigo Abrantes da Silva e Ailton Luiz Camargo, o nono capítulo - “A Cultura Escolar na Era Digital: o impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar”- reitera que não é simples inserir novas tecnologias dentro das escolas, no entanto é mais que preciso reconfigurar toda sua estrutura, espaços, tempo, gestão pedagógica, currículo, entre outros.

Os autores defendem que a atividade educativa, antes de tudo, é uma manifestação cultural, portanto, constitui-se, ao longo de tempo, por rupturas, mudanças e transformações sociais, políticas e econômicas. Ademais, está diretamente vinculada às tradições, valores, ideias e costumes de um povo, em um determinado tempo da história. Pensando nisso, é preciso prestar atenção nas relações entre a cultura escolar e a sociedade.

Sem dúvida, as escolas que ainda vivem em modelos do passado têm sido pressionadas por diferentes setores da sociedade a mudar. A tecnologia, por si só, não acarretará grande transformação; por isso é preciso criar um ambiente capaz de incorporar iniciativas provenientes de diferentes esferas. Silva e Camargo finalizam reforçando a ideia de que os modelos híbridos usam as

tecnologias para estabelecer novas configurações de formas de aprendizagem, sem medo de ousar nas mudanças. “[...] Escolas temem errar e, assim, perder alunos; por isso, tendem a permanecer na zona de conforto” (pág.178).

No décimo capítulo, “Planejando a Mudança”, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani mostram etapas de planos de estudo do aluno a ser cumprido nas aulas. Orientam que, com as diferentes formas de ensino, busca-se oportunizar o desenvolvimento de diferentes habilidades, além daquelas que devem ser construídas em relação ao conteúdo do currículo. Lembram, com necessária ênfase, que, como avaliação, é importante que o professor observe se os alunos estão se engajando nos grupos durante todas as rotações (modelo baseado na criação de diferentes espaços de aprendizagem dentro e fora da sala de aula para que o estudante reveze entre diversas atividades de acordo com a orientação do professor), observando o envolvimento geral e individual de cada um, sem receio de se lançarem a novas experiências.

É relevante afirmar que, de acordo com a abordagem dos autores, o ensino híbrido não inviabiliza a prática de aulas expositivas. A ideia é criar um novo significado para esses momentos e mesclá-los com atividades de outros tipos, utilizando recursos tecnológicos.

A obra “Ensino híbrido: personalização e tecnologia da educação” é, portanto, absolutamente relevante para todos os atores envolvidos no contexto educacional. Gestores, professores, estudantes e qualquer cidadão que vê, na educação, caminho inegável de transformação social devem ter acesso a tão importante abordagem. O ensino híbrido é, assim, um caminho de diversidade capaz de criar nova identidade na educação brasileira.

Joilson Guimarães de Almeida Júnior

Acadêmico do curso de Gestão da Tecnologia da Informação
Instituto Federal do Sertão Pernambucano